

# Editorial

A Revista-Valise completa três anos de circulação com um número composto praticamente por trabalhos submetidos à avaliação duplo-cega. Quarenta pesquisadores confiaram seus trabalhos à revista, confirmando o desejo de partilhar as produções que é inerente às pesquisas artística e acadêmica.

A convidada para a seção Ensaio Visual deste número é Viviane Pasqual, que nos apresenta algumas páginas de um caderno onde narra a história *Lagoa Bunita*. Na combinação entre o texto manuscrito e os desenhos, que ora ornamentam o entorno da página, ora ilustram os acontecimentos, podemos ver o traço marcante da artista e suas cores fortes.

Em *Apagar – Um comentário sobre desfazer e fazer um desenho* Marina Guedes apresenta, através do processo de diferentes artistas, procedimentos referentes à linguagem do desenho, sobretudo, as demarcadas na operação de apagamento e sobreposição, ligadas à potência do suporte.

Lilian Hack aborda a relação entre a arte e a linguagem escrita, por meio das obras de Elida Tessler e Joseph Kosuth, mediadas pelas reflexões de Gilles Deleuze no texto *O Esgotado* em seu artigo *Dos Buracos e Das Línguas Entre a Palavra e a Imagem*.

Em *Narrativas nômades de Rodrigo Braga: conhecimento pelos abismos e a douta ignorância*, Priscilla Menezes de Faria busca pensar a prática da viagem no âmbito do processo artístico, através da obra do artista que intitula este texto. Para tal feita, centra-se em autores como Henri Michaux e Nicolau de Cusa a fim de refletir sobre a operação artística de Braga, ligadas à errância de suas práticas.

No artigo *Nas ruínas de Cabul: a menina, o fotógrafo e o pintor*, Luzia Renata da Silva tece reflexões sobre a instalação *Menina do brinco de pérola*, de Arthur Omar. Tal instalação, que aproxima a fotografia de uma menina afegã, realizada pelo artista



em 2002, e a obra *Moça com brinco de pérola*, de Vermeer, datada do século XVII, é analisada pela autora num exercício que excede uma visão linear da história da arte ao lançar mão de uma investigação implicada no exercício do anacronismo.

Em *Studium ampliado: a atmosfera do punctum na obra Teteia nº1 C (1991)*, de Lygia Pape, na Galeria Lygia Pape – Inhotim, Michelle Farias Sommer apropria-se dos conceitos *punctum* e *studium*, de Roland Barthes (1984) e Eliane Chiron (1996), para pensar a partir da obra *Teteia nº1 C (1991)*, de Lygia Pape, como o espaço expositivo na arte contemporânea pode ser considerado como um “*studium ampliado*”.

Luciano Oliveira aborda os conceitos de hibridismo, mestiçagem e polifonia por meio das práticas do compositor Rufo Herrera e da encenadora Ione Medeiros e do *Grupo Officina Multimídia* no texto intitulado: *Hibridismo, mestiçagem e polifonia em Bê-a-bá Brasil e em As Últimas Flores do Jardim das Cerejeiras – Grupo Officina Multimídia*.

Com o artigo *A tecnologia aplicada ao corpo: abordagens subversivas na arte*, Juliana Coelho Gontijo pensa a inter-relação da arte com os meios tecnológicos em instalações que aguçam a corporalidade do espectador. Partindo de conceitos ligados ao pós-humanismo, a autora questiona e o lugar do corpo na sociedade pós-moderna e a interação com a máquina.

A produção do escultor inglês Antony Gormley, constituída pela criação de corpos poéticos, é analisada por Isaac Caetano Montes, em *Os corpos pós-dramáticos de Antony Gormley*. No artigo, o autor põe em destaque a valorização da presença na obra de Gormley afastando-a da ideia ilusionista de um “*drama escultórico*”. Para tanto, utiliza em sua reflexão o conceito de *teatro pós-moderno*, proposto por Hans Thies-Lehman.

Juliana Copetti Hickmann discute, no artigo *Animais em arte e representação: dos retratos às instalações, os diferentes focos dados aos animais na história da arte*. Recorrendo a uma revisão bibliográfica acerca do assunto, a autora reflete sobre a identificação que temos com os animais.

*Outdoor de Arte: experiência de interseção*, de Maximiliano Henrique Barbosa, relaciona o âmbito artístico com as estratégias publicitárias do uso da mídia *outdoor*, quando esta é apropriada pelo campo da arte. Tal questão é trabalhada a partir de uma obra que envolve esta mídia, de Barbara Kruger.

Julia Buenaventura (Colômbia), Maria Ivone dos Santos (Brasil) e



Soledad García Saavedra (Chile) são entrevistadas por Helene Sacco sobre as relações entre arte e memória, especialmente no contexto da América Latina e no momento contemporâneo, em *Entre o lembrar, arquivar ou esquecer: a arte e seus gestos mnemônicos e inventariantes*. O diálogo levanta questões relativas à história, identidade e globalização.

Por fim, trazemos o artigo *Esses documentos que são também obras...* da canadense Anne Bénichou, com tradução realizada por Flávio Gonçalves. O texto aborda a noção de documento no contexto da arte contemporânea: o que é o documento em relação à obra; o que a obra é para o documento; além de objetos que podem ser vistos tanto como documentação, quanto como obra de arte.

Agradecemos aos autores e leitores que têm nos acompanhado nesses três anos, bem como aos conselheiros e pareceristas *ad hoc*, que dão o suporte necessário para que se mantenha a qualidade das publicações.

As editoras.

